



Momento histórico

Por A. Domingues de Azevedo, presidente da Direcção da CTOC

O momento que se vive na profissão de Técnico Oficial de Contas é, provavelmente, um dos mais marcantes.

Na verdade, com excepção do momento que consagrou o reconhecimento de interesse público à profissão, esta é uma etapa de expectativa sem paralelo. Expectativa legítima e fundada em alterações estruturais que se estão a operar e que vão colocar a nossa profissão no patamar que por direito próprio lhe pertence.

A passagem da Câmara a Ordem (aguarda-se apenas a promulgação do Presidente da República do decreto do Governo emergente da autorização legislativa do Parlamento), constituirá o reconhecimento e a consagração desta profissão. Vamos passar a estar no mesmo nível organizacional de outras profissões, abandonando-se definitivamente um conceito de menoridade profissional dos TOC, durante tanto tempo cultivado e enraizado na nossa sociedade.

De nada valeu, esperemos, manifestações e atitudes inconcebíveis, infundadas e injustificadas de alguns sectores profissionais que, fechados na sua “concha elitista”, não foram capazes de entender que o Técnico Oficial de Contas é hoje um elemento imprescindível na gestão de uma sociedade democrática, eficiente e com preocupações de justiça tributária.

A implementação do Sistema de Normalização Contabilística, por outro lado, embora exigindo dos profissionais um esforço de adaptação, constituirá uma porta aberta para o futuro, colocando os profissionais no pelotão dianteiro da Contabilidade mundial.

Com o novo estatuto, consagram-se novas áreas de intervenção, definem-se novos métodos de complementaridade profissional, atribui-se o direito de preferência no atendimento nos serviços da DGCI, da Direcção-Geral das Alfândegas e dos Impostos Especiais sobre o Consumo.

Clarifica-se e responsabiliza-se de forma mais vincada as relações entre os TOC, estabelecendo o dever solidário de pagamento das importâncias em débito aos Técnicos Oficiais de Contas, sempre que estes sejam substituídos por outro profissional.

Clarifica-se o âmbito e alcance da responsabilidade pela regularidade técnica, definindo-se que esta se sustenta na execução da Contabilidade nos parâmetros legalmente aplicáveis,

mas tendo por base os documentos e informações que são disponibilizados pelos órgãos de gestão ou dos sujeitos passivos. As nossas propostas, em muitos domínios, iam bem mais além daquilo que ficou consagrado no Estatuto. Mas todos sabemos que numa profissão de interesse público a alteração estatutária não é uma prerrogativa da instituição reguladora, mas sim da Assembleia da República, exclusivamente.

Isto para evidenciar que nestas questões, nem sempre é possível termos uma vitória total, mas sim uma vitória possível e, perante as singulares circunstâncias em que o nosso estatuto foi debatido, penso, sinceramente, que obtivemos um grande triunfo.

Pena é que, por razões que muito dificilmente se entendem, salvo se do foro psíquico, alguns profissionais procurem por todos os meios desvalorizar esta tão profunda alteração na nossa profissão, pretendendo encontrar razões que a razão contraria, nalguns casos, apenas e só porque não são eles os protagonistas da história. Esta não é uma vitória individual. Esta é a vitória de uma profissão. Esta é a vitória de um esforço colectivo em que todos deram a sua disponibilidade, a sua boa-vontade, o tempo dos seus filhos, da sua família, um pouco do dinheiro que precisavam. Enfim, não tem que haver inveja do Domingues de Azevedo, pois ele limitou-se a conduzir este conjunto de bravos profissionais por caminhos e veredas que apenas podiam desaguar no reconhecimento daquele esforço.

Mesmo sabendo que alguns, felizmente poucos, continuarão a tentar desfazer o mérito que todos nós conquistamos, deixo-lhes um desafio: para a próxima tentem, em conjunto com os que amam de facto a sua profissão, serem também obreiros e construtores da história, e não destruidores, sendo verdade que a nossa luta terá que ser sempre de trabalho, labor, qualidade e respeito pelos valores éticos e deontológicos, pois aqueles que o não fizerem a história nunca os recordará. Definitivamente, dos fracos não reza a história.

A história lembrará os ousados, lembrará todos aqueles que tiveram a humildade de servir e a coragem de criar, lembrará todos os que, compreendendo este momento único, são dele obreiros. ■